

# Ilha de Moçambique: “Ilha, encantamento. Primeiro tema para cantar”

Luciana Brandão Leal\*

## Resumo

Este artigo propõe uma análise de duas vozes inaugurais da poesia da Ilha de Moçambique: Alberto de Lacerda e Orlando Mendes, poetas que escreveram em meados da década de 1940, tendo como principal temática esse espaço matricial das letras moçambicanas. O espaço das ilhas, como se sabe, possibilita o encontro de diversos povos, culturas e influências múltiplas. É, em suma, um espaço de trânsitos de pessoas e de suas ideologias. A poética da insularidade tornou-se uma importante vertente do projeto literário moçambicano, retomado, mais tarde, por outros poetas que saudaram esse espaço de memórias e afetos. Para refletir sobre a geopoética da Ilha de Moçambique, considera-se o que propõe o teórico Kenneth White quando afirma que a “geografia” é “atravessada” pela experiência estética do mundo e defende uma visão fenomenológica da relação entre o Homem e a Terra.

Palavras-chave: Alberto de Lacerda. Orlando Mendes. Ilha de Moçambique. Insularidade. Poesia Moçambicana.

# Island of Mozambique: “The Island, enchantment, and the first song to be sung”

## Abstract

This article analyzes two inaugural poetic voices of the Island of Mozambique: Alberto de Lacerda and Orlando Mendes, poets who wrote in the middle of the 1940s, having as a main theme this matriarchal space of the Mozambican letters. In the space of the islands, it is possible to meet different peoples, cultures and multiple influences. It can be considered, a space of transits of various ideologies. The poetics of insularity became an important part of the Mozambican literary project, which was later taken up by other poets who enhanced this space of memories and affections. In order to reflect on the geopoetics of the Island of Mozambique, we consider what Kenneth White proposes when he states that “geography” is “trespassed” by the aesthetic experience of the world and defends a phenomenological view of the relationship between Man and Earth.

Keywords: Alberto de Lacerda. Orlando Mendes. Island of Mozambique. Poetic Insularity.

Recebido: 09/08/2018

Aceito: 05/10/2018

---

\* Universidade Federal de Viçosa (Campus Florestal). Professora Adjunta. Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

Ilha, corpo mulher. Ilha, encantamento. Primeiro tema para cantar. Primeira aproximação para verte, na carne cansada da fortaleza ida, na rugosidade hirta do casario decrepito, a pensar memórias, escravos, coral e açafão. Minha ilha / vulva de fogo e pedra do Índico esquecida. (PATRAQUIM, 1991, p. 41-42)

Amo-te sem recusas e o meu amor é esta fortaleza, esta Ilha encantada, estas memórias sobre as paredes e ninguém sabe deste pangaio que a Norte e na Ilha traz um amante inconformado. Em tudo habita ainda a tua imagem, o m'shiro purificado da tua beleza e das tuas sedes [...] (WHITE, 1997, p. 27)

Moçambique, “a janela do oriente”, segundo Eduardo White, é um espaço onde se entrecruzam culturas e tradições, refletidas em tensões identitárias que fazem desse território um espaço “em trânsito”. Em trânsito, porque, desde as antigas rotas marítimas que passam pela Ilha de Moçambique e por outras ilhas do litoral índico, estão em diáspora as etnias, descendências, línguas, culturas e saberes.

É certo que as ilhas e cidades portuárias são lugares propícios ao (re)encontro e ao trânsito de pessoas e de suas ideologias. Por essas evidências, um ponto importante sobre o qual cumpre refletir é a articulação entre a literatura moçambicana e as águas do Índico, encontro tão celebrado e aclamado em representações literárias de Moçambique.

Para Carmen Lúcia Tindó Secco (2012), poeticamente, a ilha é o espaço da sedução e do encantamento, imagem que se perpetua no imaginário dos artistas e poetas, lugar de retorno às origens e aos afetos. Ela esclarece, ainda: tantos poetas como Rui Knopfli, Virgílio de Lemos, Patraquim, Eduardo White e Nelson Saúte cantam a mítica Ilha de Moçambique: “mulher de m'siro feitiço do Oriente”, que “adormece no coração dos poetas”. O mar também é alegoria do desejo, do erótico, pelo “orgasmo das ondas”, e recupera as pulsões do desejo no corpo da própria poesia.

Os primeiros livros de Luís Carlos Patraquim e de Eduardo White, **Monção** (1980) e **Amar sobre o índico** (1984) apontam, já em seus títulos, para a opção geopoética<sup>1</sup> do Índico e da Ilha, cujas relações revelam heranças de artistas anteriores, como Virgílio de Lemos, Rui Knopfli e Glória de Sant'Anna.

A Ilha de Moçambique, primeira capital do país, que, posteriormente, lhe deu o nome, foi cenário de importantes episódios históricos e construções culturais, tornando-se referência recorrente nas produções artísticas e literárias, desde o século passado, tendo sido declarada “Patrimônio da Humanidade”, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, onde se entrecruzam as experiências de diferentes povos, histórias e culturas que deram origem a Moçambique.

Esse palimpsesto ideológico e geográfico, lugar de diásporas e relações, é representado, literariamente, de forma diversificada, contando com textos anteriores e posteriores à libertação política, o que permite a criação e a identificação de um produto cultural heterogêneo, fruto da sua diversidade de registros. Importa perceber que o espaço aí criado artisticamente aponta para um passado histórico revelador das múltiplas interferências culturais e históricas que nele se estabeleceram.

Localizada em uma posição estratégica, nas rotas de navegação do Oceano Índico, a sua ocupação é muito anterior à primeira passagem dos portugueses, datada, oficialmente, de 1498. Consta que as

<sup>1</sup> Considera-se, aqui, o termo “geopoética” a partir da definição de Kenneth White, que fundou, em 1989, o Instituto Internacional de Geopoética. Kenneth White considera que a “geografia” é “atravessada” pela experiência estética do mundo e defende uma visão fenomenológica da relação entre o Homem e a Terra. “Um mundo, sem dúvida, emerge do contato entre o espírito e a Terra” (<http://institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/56-o-grande-campo-da-geopoetica>). Esse escritor franco-escocês analisa a relação “sensível e inteligente” com a Terra e considera o termo baseado na trilogia: “eros, logos e cosmos” para criar uma “coerência geral” com o espaço que ele denomina “mundo”. Para ele, a geopoética é uma “teoria-prática” (científica, artística, etc.), que extrapola as disciplinas mais estreitas para encontrar uma dinâmica do sensível.

A pesquisadora Viviane Mendes de Moraes retoma o conceito proposto por Kenneth White, ao estudar a poesia do moçambicano Rui Knopfli, em tese defendida na Faculdade de Letras da UFRJ (MORAES, 2015).

ilhas do litoral Norte de Moçambique eram, até o início do século VII, praticamente despovoadas. Entretanto, é importante observar que, em todo o continente, encontravam-se apenas os descendentes das etnias africanas de origem banto, que foram gradualmente ocupando as bacias fluviais costeiras, encostas e planaltos do interior do território.

Os árabes e os indianos foram os pioneiros da navegação pelo Oceano Índico e, em meados do século VII, chegaram à costa oriental da África. O Índico, lugar de complexa rede comercial, ligava as costas asiáticas do Golfo Pérsico, da Índia e do Extremo Oriente a toda costa oriental africana, até ao Sul de Sofala. É nesse contexto que os mencionados navegadores e mercadores assumem o domínio do comércio marítimo entre o Oriente e o Ocidente.

Os portugueses se inseriram na disputa por rotas marítimas que davam acesso ao Oriente e por regiões estratégicas para o comércio de produtos locais. Como já mencionado, essas rotas eram, até então, dominadas pelos árabes e indianos. Mais tarde, esses pontos estratégicos facilitariam o tráfico humano (de escravos), que se tornaria a atividade dominante.

Quando os navegadores portugueses aportaram na Ilha de Moçambique, já no final do século XV, o território ocupado serviu, prioritariamente, como ponto de apoio para a rota para a Índia. A colonização africana se concretizou após a Conferência de Berlim, momento a partir do qual o colonialismo foi assumindo feição ideológica, garantindo todos os privilégios (políticos, econômicos e sociais) à minoria europeia: “Os germes da desigualdade se assumiram como sistema e ideologia”, afirma Cabaço (2007, p. 110).

Como também ocorrera no Brasil e em outros territórios colonizados, a expansão marítima, protagonizada por países católicos, tinha seus interesses comerciais justificados pela “missão evangelizadora”, além da “missão civilizadora”. No caso do território africano, para legitimar a política de dominação, os navegadores enfatizavam aspectos dos nativos, considerados exóticos, que os distanciavam dos parâmetros europeus. Reafirmando a postura de pretensa legitimamente colonial e repetindo cenas ocorridas em outros territórios, a chegada dos portugueses em terras moçambicanas é marcada por incompreensão mútua e, sobretudo, pela intolerância em relação a todas as diferenças.

Considere-se que, com a colonização portuguesa, além das igrejas e monumentos erguidos para ostentar o poder, difundem-se os estereótipos e os preconceitos, concebendo-se como “povos estranhos”, “outros”, não só os negros que ali viviam, mas também os indianos e os árabes. Frantz Fanon (2005), a propósito, explica que, para o colonialismo, o continente africano era um antro de selvagens, com suas superstições e fanatismos; espaço atingido pela maldição divina, “país de antropófagos, país de negros” (FANON, 2005, p. 232).

Para Edward Said, as relações entre o Ocidente e o Oriente foram construídas em torno das disputas pelo poder e, para determiná-lo, o Ocidente sempre representou negativamente os árabes e indianos que ali habitavam, caracterizando-os como povos exóticos, desonestos, ladrões, traficantes de escravos e riquezas. Desse modo, a imagem do “Oriente foi, quase sempre, tecida como uma invenção do Ocidente” (SAID, *apud* SECCO, 2012, p. 207), a fim de apagar os traços orientais da cultura moçambicana e reiterar, conseqüentemente, a hegemonia ocidental.

Por todas as referências históricas aqui feitas, vê-se que pensar Moçambique é pensar um espaço híbrido, com diversas tradições que nutrem as tensões identitárias dessa nação. A “janela para oriente” é o lugar das diásporas e dos trânsitos, encontros e reencontros de pessoas e culturas. Não se pode esperar que as manifestações artísticas e literárias advindas desse espaço sejam previsíveis ou regulares, dada a dinâmica da sua constituição.

Sob a ótica da hibridização, os discursos poéticos de escritores como Virgílio de Lemos, Glória de Sant’Anna, Rui Knopfli, Luís Carlos Patraquim e Eduardo White reverberam, em alguma medida, ecos das primeiras vozes poéticas que cantaram o espaço mítico da Ilha de Moçambique. O exercício estético de cada um desses poetas suscita uma tarefa reflexiva e reveladora sobre as águas do Oceano

Índico a partir de Moçambique e sobre Moçambique a partir do Oceano Índico. Consideraremos, aqui, duas vozes precursoras da geopoética da Ilha de Moçambique: Alberto de Lacerda e Orlando Mendes. Os trânsitos culturais e identitários delinham a geopoética de um espaço múltiplo, que se opõe à cristalização de um único sentido para a “moçambicanidade”, o que, de certa forma, era moldado pela literatura de cunho revolucionário.

### Primeiras vozes poéticas que saudaram Muhípití: A Ilha de Moçambique.

Mulheres de M'siro

O m'siro  
Encantamento dos meus olhos  
Perfaz a tua insular imagem.  
No litoral do teu corpo  
A apoteótica espuma  
Do orgasmo das ondas.  
Ó júbilo na falésia do canto  
'(SAÚTE, in SAÚTE e SOPA, 1992, p. 123).

Na belíssima antologia **A ilha de Moçambique: pela voz dos poetas**, Nelson Saúte e Antônio Sopa reúnem algumas das primeiras vozes que celebraram a Ilha de Moçambique, revelando um palimpsesto de imagens desse lugar matricial. Das precursoras vozes aí reunidas, elegem-se dois poetas inaugurais dessa importante vertente da “moçambicanidade”: Orlando Mendes, “que exalta a vocação maternal da sua terra e os monumentos erectos acossados pelos musgos vorazes do tempo” (SAÚTE e SOPA, 1992, p. 12); Alberto de Lacerda, que cantou “essa paz que desagua na Ilha, onde os cães não ladram e os meninos peregrinam no universo da claridade festejada” (SAÚTE e SOPA, 1992, p. 12-13).

Os projetos literários de Alberto de Lacerda e Orlando Mendes confirmam o que diz Carmen Lúcia Tidó Ribeiro Secco sobre a poesia índica e da Ilha de Moçambique. A pesquisadora apresenta as duas vertentes dessa lírica: “uma que metaforiza o Índico, existencialmente, buscando os afetos e os sonhos; outra que subverte corrosivamente a história, criticando o colonialismo e a opressão”. (SECCO, 2016, p. 64).

Alberto de Lacerda nasceu na Ilha de Moçambique, em 20 de setembro de 1928. O poeta viveu em Moçambique até 1946. Aos dezoito anos foi morar em Portugal e, posteriormente, em Londres.

Os primeiros versos de *L'isle Joyeuse*, de Alberto de Lacerda, sugerem a descrição de um local imaginado, “dum tempo antigo que aqui ficou”. O título do poema, *L'isle joyeuse* (A Ilha alegre), faz referência a uma peça de piano composta em 1904 por Claude Debussy.

L'isle Joyeuse

Ó festa de luz de mar tranquilo  
De casas brancas dum branco rosa  
Dum tempo antigo que aqui ficou

Ó ilha pura incandescente  
Que me geraste três vezes mãe  
Três vezes para mim sagrada  
Por teres deuses tão variados  
Por seres livre da liberdade  
Que os deuses gregos orientais  
Marcam a fogo um fogo alegre  
Naqueles seres naquelas ilhas  
Que eles nomeiam seus próprios filhos

Por motivos sobrenaturais  
(LACERDA, in SAÚTE e SOPA, 1992, p. 30).

O tempo da enunciação é o tempo da memória, assim, há, nos versos, a recriação do espaço da ilha em um espaço de aconchego, “ilha pura incandescente”. A referência aos “deuses gregos orientais” e a aspectos sobrenaturais reforçam a aura da imaginação e a projeção de um lugar idealizado.

Já no poema “Moçambique”, tem-se a evocação dos espaços, começando pelo país, depois, o “Oriente” e “a Ilha de Moçambique”. A Ilha de Moçambique, gênese histórica do país, é evocada por uma voz que a idealiza, através de sensações como o “perfume solto no oceano / como se fosse em pleno ar”. Aqui também se vê reafirmada a ideia de pertencimento, pelo uso do pronome possessivo, o que reitera o tom afetivo presente nos versos.

Moçambique

Ó Oriente surgido do mar  
Ó minha Ilha de Moçambique  
Perfume solto no oceano  
Como se fosse em pleno ar.  
(LACERDA, in SAÚTE e SOPA, 1992, p. 70)

A projeção de um lugar idealizado, contaminado pelos afetos da voz poética, permanece no poema “A minha ilha”. O fato de a ilha ser caracterizada pelo pronome possessivo ratifica o olhar subjetivo sobre a paisagem que se enuncia nestes versos:

A minha ilha

Ilha onde os cães não ladram e onde as crianças brincam  
No meio da rua como peregrinos  
Dum mundo mais aberto e cristalino  
(LACERDA, in SAÚTE e SOPA, 1992, p. 68)

Ao descrever as belas mulheres da Ilha de Moçambique, o encantamento da voz poética transborda nos versos e deixa, mais uma vez, transparecer um olhar contaminado pelos afetos:

Ponta da ilha

Ó corpos dados com melodia  
As melodias do meu ardor!  
Ó pretas lindas! Ponta da Ilha!  
Vestem soberbos panos de cor.  
Deles se despem com grã doçura,  
Vênus despida do próprio mar.  
E com doçura que negras, lindas,  
Desaparecem no meu calor.  
(LACERDA, in SAÚTE e SOPA, 1992, p. 121)

No poema “Ilha de Moçambique”, nota-se um tom diferente das poesias transcritas anteriormente. Nesse exemplo, a ilha não é mais identificada pelo pronome possessivo “minha”. Os versos sugerem a voz e a percepção de um sujeito distanciado da paisagem, mas que ainda descreve o lugar imaginado pela memória e por reminiscências contaminadas pelos afetos: “Sou bem o rei saudoso do seu vulto / Vulto que existe infante numa ilha”.

Ilha de Moçambique

Desfeitos um por um os nós sombrios,  
Anulada a distância entre o desejo  
E o sonho coincidente como um beijo,  
Exalei mapas que exalaram rios.  
Terra secreta, continentes frios,  
Ardei à luz dum sol que é rumorejo  
Para lá do que eu sou, o que eu invejo  
Aos elementos, aos altos navios!

Trouxe de longe o palácio sepulto,  
A cobra semimorta, a bandarilha,  
E esqueci poços, prossegui oculto.

Desdém que envolve por completo a quilha,  
Sou bem o rei saudoso do seu vulto,  
Vulto que existe infante numa ilha.

(LACERDA, in SAÚTE e SOPA, 1992, p. 54)

Nos versos transcritos, do poema “Ilha de Moçambique”, o sujeito da enunciação apresenta-se distanciado da ilha no tempo e no espaço. A tônica é dada pelas saudades de um “vulto que existe infante numa ilha”.

A intenção de descrever poeticamente aspectos da Ilha de Moçambique, presente na estética de Alberto de Lacerda, também se mostra em alguns poemas de Orlando Mendes. Orlando Mendes canta a Ilha de Moçambique, local de seu nascimento.

No poema “Minha ilha”, a Ilha de Moçambique é reinventada pelas reminiscências mais antigas da infância, a ilha em suas características peculiares: “os paralelepípedos”, “o salitre poeirado”, “os ventos do Índico”. O sujeito da enunciação encontra-se distanciado das ações corriqueiras descritas nos versos: são reminiscências “das mais antigas infâncias”. O eu lírico de Orlando Mendes, no poema transcrito, revela-se, entretanto, consciente das agruras de homens acorrentados que, todos os dias, trituravam o salitre empoeirado. As distinções sociais estão evidentes em imagens como “palácios” e “pedrarias” feitas sobre as “riquezas carnaís”. A mão de obra negra e escrava constrói “novos lares de oriunda linhagem”:

#### Minha Ilha

Nos paralelepípedos das mais antigas infâncias  
dei também meus passos balbuciantes e seguintes.  
Todos os dias pés sem idade acorrentados  
trituravam o salitre poeirado pelos ventos Índico  
e a cortiça nua das solas e dos dedos  
fazia o périplo da ilha sobre corais  
onde no palácio o governador-geral mandava despachos  
que a corte recebia incrustada de pedrarias  
nas entranhas digerindo riquezas carnaís.  
E o salitre vinha e ardiam os pés das gerações  
e nos pátios dos prédios senhoris floridos  
se construía novos lares de oriunda linhagem.  
Por ali estiveram Camões das amarguras itinerantes  
e Gonzaga da Inconfidência no desterro em lado oposto.  
Era a rota dos gemidos e das raivas putrefactas  
e dos partos que haviam de povoar as américas  
com braços marcados a ferro nas lavras e colheitas.  
Ruíram paredes grossas chegaram outras naus  
morreram marinheiros por ordem soberana de el-rei  
e obediência de seus filhos sem coroa fixando preços.  
Agachavam-se as sombras com a passagem dos rickshaws  
na ponta da ilha farinha não levedava pão mas fezes

e o sono evadia-se dos ossos para o metrônomo da noite  
Em frente na costa que orla o interior  
nascia o poeta guerrilheiro Kalungano  
que disparando balas cantaria para nós  
o amor e as flores do dia de hoje litoral  
em que a ilha se liga ao continente por uma ponte  
e os barcos à vela macuas são donos do mar  
(MENDES, in SAÚTE e SOPA, 1992, P. 39)

A crítica social presente no poema evoca a imagem do poeta guerrilheiro Kalungano (Marcelino dos Santos), que vale-se da escrita poética “disparando balas cantaria para nós / o amor e as flores do dia de hoje”. Os poemas de Kalungano possuem as “marcas da reivindicação apaixonada da nacionalidade” (SOUSA e SILVA, 1996, p. 90). Kalungano é um poeta que defendeu de maneira insistente e apaixonada os ideais da Negritude e, por isso, é tomado como símbolo nacional na guerra pela libertação.

Fátima Mendonça, no prefácio da **Antologia da Nova Poesia Moçambicana** (1989) afirma que, além de José Craveirinha e Noémia de Sousa, Orlando Mendes é um escritor cuja referência na poesia moçambicana é inevitável. A estudiosa menciona o nome de Orlando Mendes entre os dos escritores mais notáveis da poesia de combate, o que se justifica pelo empenho de Orlando Mendes na escrita anticolonial.

Nos versos do poema “Povo a Povo”, de Orlando Mendes, permanece a crítica social ao processo colonial e à violência que esse mundo engendra:

[...]  
Ilhas que se ligam istmos-braços  
De pulsos síncronos, mãos dizentes,  
Entendendo-se na unidade  
Desejada desde quando desde  
A pátria golpeavam a traços  
Sangrentos em carnes inocentes  
Pátria que a certeza invade  
Do povo libertado em vez de.  
[...]

As imagens da “pátria golpeada”, “traços sangrentos em carnes inocentes” suscitam dores vividas em um território dominado pela violência. Assim interpreta Secco (2016): “cadáveres invadem os poemas, as ruas, a memória encharcada de cenas de violência e atrocidade decorrentes dos longos anos de guerra”. (SECCO, 2016, p. 72). Vê-se que a experiência literária das ilhas e do Oceano Índico não se abstém da condição de dilaceramento do mundo colonial. Reelaborar literariamente as cenas de horror do mundo colonial é uma forma de inscrever uma nova história do território moçambicano e da Ilha de Moçambique. O poeta junta os restos que sobraram de uma pátria estilhaçada.

Além desses poetas inaugurais, muitas outras vozes cantaram a Ilha de Moçambique e o Oceano Índico: Virgílio de Lemos, Glória de Sant’Anna, Rui Knopfli, Luís Carlos Patraquim, Eduardo White e, mais recentemente, Nelson Saúte.

## Referências

- CABAÇO, José Luís de Oliveira. **Moçambique: identidades, colonialismo e libertação**. Orientador: Kabengele Munanga. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/.../TESE\\_JOSE\\_LUIS\\_OLIVEIRA\\_CABACO.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/.../TESE_JOSE_LUIS_OLIVEIRA_CABACO.pdf)>. Acesso em 04 abr. 2016.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
- PATRAQUIM, Luís Carlos. **Os barcos elementares**. In: PATRAQUIM, Luís Carlos. Vinte e tal novas formulações e uma elegia carnívora. Lisboa: Ed. ALAC, 1991. p. 41-42.
- SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SAID, Roberto. **O delito da palavra – notas para regulamentação do discurso próprio de um poeta acocorado**. In: LISBOA, Eugénio (Org.). Poetas de Moçambique. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 189-205.
- SAÚTE, Nelson; SOPA, António. **Ilha de Moçambique pela voz dos poetas**. Lisboa: Edições 70, 1992.
- SAÚTE, Nelson (Org.). **Nunca mais é sábado: antologia de poesia moçambicana**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2004.
- SECCO, Carmen Lúcia Tindó. **Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1999.
- SECCO, Carmen Lúcia Tindó. **Revisitações Poéticas e Pictóricas da Ilha de Moçambique**. Revista Eletrônica Abril. Revista do NEPA/UFF, Niterói, v. 5, n. 9, p. 205-217, nov. 2012.
- SECCO, Carmen Lúcia Tindó. **As Índicas Águas da (na) Poesia Moçambicana**. Diadorim - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, número especial 2016.
- SPINUZZA, Giulia. **Glória de Sant'Anna: uma voz feminina nos confins do Índico**. InterDISCIPLINARY Journal of Portuguese Diaspora Studies, v. 4.1, 2015. Disponível em: <<http://portuguese-diaspora-studies.com/index.php/ijpds/article/view/204>>. Acesso em: 10 out. 2016.
- WHITE, Eduardo. **Janela para Oriente**. Lisboa: Caminho, 1999.
- WHITE, Kenneth. **O grande campo da geopoética**. Tradução de Márcia Marques-Rambourg. Instituto Internacional de Geopoética, s.d. Disponível em: <<http://institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/56-o-grande-campo-da-geopoetica>>. Acesso em: 02 jan. 2017. (Série Textos Fundadores)